

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Correio Braziliense

Class.: 765

Data: 29.09.83

Pg.: \_\_\_\_\_

ÍNDIO 190

### Quem é esse?

Não é hoje que se vai resolver o desencontro da colonização com os interesses naturais deste solo chamado Brasil. Quem quiser cimentar a tese que preste atenção aos pronunciamentos do Deputado e Cacique Juruna. No seu "sem jeito para a democracia" detestado até pelo humorista Jô Soares justificando quadro de seu programa de TV, dá pra descerrar a figura de brasileiro, essa coisa que não se sabe de verdade até onde somos, quando começamos e se começamos. Quando o Cacique fala ficamos com aquele sorriso amarelo de quem está no palco sem saber qual instrumento vai tocar.

Deixando de lado a pretensão - por si só falida - de querer saber o que vai na cabeça dos parlamentares (nome justíssimo: como parlamentam! param e lamentam) a nível político partidário, dá pra arrepiar quando Juruna acusa de cor-

rupção. Atrai em 360 graus com uma espécie de dignidade que só ingênuos costumam ter. O que absolutamente não vem ao caso do resto do dito parlamento. Juruna não tem papas na língua e talvez isso lhe valha a "imcompreensão" dos democratas tipo Jô Soares.

"Os índios receberam Pedro Álvares Cabral de braços abertos e, no entanto, ninguém reconhece a nossa luta no passado, preferindo nos chamar de vagabundos e subversivos. Mas somos melhores, muito melhores que os gringos que para cá vieram e tomaram conta do Brasil".

A fala do Cacique me lembra o que aprendi na escola: índio brasileiro é vagabundo. Nunca gostou de trabalhar, etc. E nós, nessa história, quem somos? De que lado estamos? Talvez seja mais fácil achar ridículo o "índio". Uma expressão, aliás,

CECE



que sempre serviu para classificar vagabundo, burro, inculto e marginal.

Ridículo, inclusive na sua pretensão de chegar ao poder, como quer Juruna. E talvez até elegendo Presidente da República um ministro que conse-

guiu elevar pra muito alto a sifilização da Amazônia implantando uma estrada que levou grana mas não integrou nada. E cuja história se repete agora na Cuiabá/Porto Velho, que vai rasgar ao meio Parques Nacionais, reservas ecológicas e terras indígenas.